

Brasil, em tradução de Alencar Araripe, publicada na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 55, parte I: Não sendo uma tradução direta, mas tradução da edição francesa de Ternaux Compans, deixou muito a desejar. Só em 1900, graças a Alberto Loeffgren, eminente botânico que vivia em São Paulo, foi publicada uma tradução direta do original alemão de Marpurgo. Editou-a o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, num opúsculo comemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil. Trazia anotações de Teodoro Sampaio, procurando esclarecer certas dúvidas do texto alemão e corrigir certas falhas do autor. Esta edição serviu de base para a edição da Academia Brasileira de Letras, publicada em 1930, por iniciativa de Afrânio Peixoto. Pouco antes (1926) Monteiro Lobato publicara sua tradução “ordenada literariamente”, mas omitindo várias partes da obra. Teve, entretanto, o mérito de chamar a atenção para o primeiro livro publicado sobre o Brasil, uma vez que a edição de 1900 já era considerada esgotada. Mais ainda: o grande escritor paulista, escrevendo uma adaptação infantil da curiosa história de Hans Staden, contribuiu consideravelmente para divulgar suas aventuras, tornando o pobre alemão um herói familiar a toda a juventude de uma certa época. Cumpre lembrar que, também, a edição de Loeffgren não apresentava o texto integral de Hans Staden. Só em 1942, por iniciativa da Sociedade Hans Staden, de São Paulo (uma benemérita instituição de estudos teuto-brasileiros), foi a obra do famoso artilheiro publicada numa edição realmente integral. E’ pena que este volume da Sociedade Hans Staden não tenha sido reeditado. Para a sua edição popular, Edições de Ouro utilizaram o texto da Academia Brasileira, o qual, embora não seja o melhor, vale, contudo, para tornar acessível aos leitores de hoje este clássico do Brasil quinhentista. Aliás, não devem ser regateados louvores a essa editôra pelo excelente trabalho de divulgação de obras há muito esgotadas.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

SALVADOR (José Gonçalves). — *Cristãos-novos, jesuítas e Inquisição: aspectos de sua atuação nas Capitânicas do Sul, 1530-1680*. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Pioneira. São Paulo. 1969. 222 págs. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).

E’ bem conhecida a importância do papel que tiveram numerosos cristãos-novos na vida econômica das chamadas “capitânicas de cima”. Preferindo enfocar em seu trabalho a situação nas capitânicas “de baixo”, o autor optou pelo aspecto mais ignorado, mas também o mais difícil, de um tema que vem, ultimamente, interessando numerosos historiadores e estudiosos da História do Brasil. Com efeito, nada menos de três importantes pesquisas sobre o assunto foram levadas a efeito, nestes últimos anos, por autores ligados direta ou indiretamente ao Departamento de História da Universidade de São Paulo, pesquisas que, longe de se conflitarem ou repletirem-se, completam-se para a compreensão de um dos temas mais empol-

gantes da história do Brasil colonial. A primeira a vir a lume, em livro, é a do Professor José Gonçalves Salvador, já conhecido dos estudiosos da História da Igreja pelos seus excelentes estudos sobre o cristianismo primitivo, dos quais nos ocupamos na devida ocasião. “Até aqui, o que se tem dito sobre judeus e cristãos-novos nas capitanias sulinas funda-se bem mais em argumentação de cunho subjetivo e impressionista do que em documentação segura e plausível”, afirma Sérgio Buarque de Holanda no prefácio que escreveu para este volume. No empenho de suprir tais lacunas, o autor, além de ordenar e interpretar numerosos dados esparsos, impressos ou manuscritos, existentes entre nós, realizou extensas e minuciosas investigações em acervo documentais fora do país. Seu livro vem contestar inúmeras questões relacionadas com a presença do elemento israelita nas capitanias do sul, onde se dizia que era nula a sua presença nos primeiros séculos, em vista da pobreza e falta de atrativos. Em sua pesquisa, pôde o autor oferecer respostas a questões que muito importam à nossa história: o ingresso de israelitas nas ordens religiosas e no clero, inclusive na Ordem de São Domingos, baluarte da Inquisição; a aceitação de encargos públicos; condições existentes à prática das crenças judaicas; a ação policiadora do Santo Ofício; a atitude dos jesuítas para com os cristãos-novos e, finalmente, os reflexos da questão religiosa como base para a explicação dos problemas de cunho administrativo, econômico e social. Seja dito de passagem que a obra originou-se de uma tese de doutoramento apresentada e defendida na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Pela apresentação do volume, somos informados de que o autor continua pesquisando em outras áreas dentro deste mesmo grande tema, além de anunciar, também, uma História da Igreja Metodista no Brasil, comunidade eclesiástica a que pertence como pároco e professor de sua Faculdade de Teologia.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* * *

*

APTHEKER (Herbert). — *Uma nova história dos Estados Unidos: a revolução americana* (A History of the American people: an interpretation — The American Revolution, 1763-1783). Tradução de Fernando Autran. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1969. 328 págs.

Apresentando este volume, assim escreveu Ênio Silveira: “Herbert Aptheker é um desses historiadores objetivos e honestos, que não se comprazem na condição de figuras palacianas, a sôdo das classes dominantes. Quando se propôs a escrever *Uma Nova História dos Estados Unidos*, de que já publicamos o primeiro volume (“A era colonial”), teve como objetivo principal a revisão dos erros que quase se transformaram numa aparente verdade, de tanto repetidos, e a recolocação de fatos e pessoas em sua correta perspectiva. E, por isso mesmo, uma história nova. Nova no que tem de fresca, autêntica, isenta de interpretações tendenciosas, nunca no sentido de que é reescrita para servir a estas ou àquelas conveniências”. O Autor considera, neste segundo volume, a guerra da independência uma verdadeira revo-